

Escola Portuguesa  
de Arte Equestre

# Luz da Liberal e Nobre Arte da Cavalaria

O TRATADO DE MANOEL CARLOS D'ANDRADE

---

GALA EQUESTRE



Parques de Sintra

Marcado pelo Iluminismo, o século XVIII – também conhecido como o ‘Século das Luzes’ –, foi de grandes reformas, sobretudo culturais, em toda a Europa. Em Portugal, foi durante o reinado de D. João V (1689 – 1750) que a cultura sofreu uma profunda renovação, que prosseguiu no reinado de D. José I (1714 – 1777) sob forte influência do Marquês de Pombal.

Foi neste contexto que, em 1790, Manoel Carlos d’ Andrade publicou o tratado “Luz da Liberal e Nobre Arte da Cavallaria”, obra que é o mais importante tratado equestre em Portugal.

“E como entre todos seja muito para a admiração dos mortaes o regular movimento dos Cavallos, e as suas utilidades, eu escreverei a este respeito, e discorrerei nesta Liberal, e Nobre Arte que me proponho, vulgarmente chamada da Cavallaria, na qual seguirei a lição dos melhores Authores que della tratão, e direi sem sujeição o que mais me parecer se conforma com a razão, e verdade, pois que me agrada melhor acertar só, que errar acompanhado.”<sup>1</sup>

O primeiro tratado equestre em Portugal pertence, contudo, ao rei D. Duarte I (1391 – 1438) e data do século XV. Este “Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sella” permaneceu esquecido até à primeira metade do século XIX, altura em que foi finalmente reconhecido na Biblioteca Nacional de Paris. Era, então, prática comum os grandes mestres portugueses deixarem como legado a sua visão sobre a equitação praticada em Portugal. Considerada uma arte, exigia-se, na sua prática, técnica, filosofia, inspiração e estética. Aliada a uma grande sensibilidade, a cavalaria foi sempre fascínio de imperadores, reis e nobres, tendo o cavalo desempenhado um papel determinante no rumo da História do mundo. Com ele venceram-se batalhas, uniram-se povos e sensibilizaram-se mentes.

Reza a lenda – porque todas as grandes histórias são desenhadas numa lenda – que, nos campos do atual território português, se passeavam cavalos únicos, cheios de talento e nobreza. Estes destemidos animais foram apelidados “Filhos do Vento”, cavalos ágeis dotados de coragem, cujas éguas seriam fecundadas pelo vento, dando origem a poldros imensamente velozes. Os povos do sudoeste da península ibérica eram conhecidos por um estilo de equitação diferente, em que se estribava mais curto, estilo que viria a chamar-se ‘à gineta’ e que estava de acordo com o tipo de cavalo mais ligeiro que ali era utilizado durante as batalhas. Esta forma de equitação criou um forte laço entre cavalo e cavaleiro, que perdura até hoje.

Ao longo da história europeia, quer o cavalo, quer a equitação, foram evoluindo de acordo com as necessidades e utilizações, como o revelam gravuras, estátuas e vários tratados escritos por diversos autores, alguns deles portugueses. Em particular, o estribar mais curto ou longo que, a par de diferentes selas e adereços, originou a equitação mais ágil, a sul da península Ibérica, e aquela que é mais praticada no resto da Europa, a brida.

A Escola Portuguesa de Arte Equestre, fundada em 1979, pretende recuperar o período áureo e faustoso da Picaria Real do século XVIII. Com mais de quarenta anos de experiência e voz, anseia mostrar a história portuguesa através dos cavalos, dos trajes e dos arreios típicos. As selas à portuguesa, preservadas até hoje através do toureio equestre, o peitoral dos cavalos adornado com o brasão e as armas do Rei fundador da Coudelaria de Alter, o xairel de pelo de texugo a proteger os rins, as cabeçadas, com características únicas e, ainda, as fitas com as cores amarelo e branco da Escola, que adornam as tranças tipicamente portuguesas, são alguns exemplos desse legado transmitido de geração em geração. Para incentivar a memória, a coudelaria de Alter, sediada

em Alter do Chão, entregou aos quatro fundadores da Escola – José Athayde, Guilherme Borba, Filipe Graciosa e Francisco Cancellia de Abreu – quatro cavalos, com os quais lhes foi dada a oportunidade de mostrar ao mundo o maravilhoso Cavalo Lusitano de Alter e a sua história.

Fazendo parte do grupo das quatro grandes academias europeias que praticam este tipo de equitação, a Escola tem como missão divulgar a arte equestre portuguesa, sendo aquela que segue mais fielmente um tratado fundador de equitação. O ideário do tratado de Manoel Carlos d'Andrade é adotado pela Escola como principal manual de conduta e evolução do cavaleiro, para o desbaste e ensino dos cavalos, a prática da equitação e a execução de grande parte dos números apresentados ao público, em Portugal e no estrangeiro, com vista à reconstituição da antiga Picaria Real.



# O Cavalo em Liberdade



Em 1748, o rei D. João V fundou a Coudelaria de Alter, “a mais antiga Coudelaria do Mundo a permanecer no mesmo local”<sup>2</sup>. Movido por amor e cortesia à sua mulher, Maria Ana de Habsburgo, e um interesse genuíno pela equitação, e julgando pouco adequada a produção equestre em Portugal – tendo em consideração as academias equestres que se apresentavam nas outras cortes europeias nesse período – o rei decidiu adquirir algumas manadas de éguas ao rei D. Filipe V de Espanha para enriquecer o património genético destes animais em Portugal. Os cavalos que vinham da Coudelaria de Alter passaram, assim, a integrar a Picaria Real nas mais diversas utilizações da corte portuguesa, entre aparato, festas e demais cerimónias, grande parte das quais era realizada no antigo Picadeiro Real de Belém, construído em 1793, hoje denominado Museu Nacional dos Coches.

Como em qualquer coudelaria, o objetivo era a criação e o desenvolvimento de cavalos com determinadas características para a prática da equitação académica. Os cavalos ali criados tinham de possuir determinados traços para que melhor desempenhassem as suas funções, não só de cavalaria, como de fiel representante da nobreza portuguesa: nascia, assim, um cavalo único, de porte firme e robusto, flexível e de uma coragem imensa, que lhe permitia, e ainda permite, enfrentar as adversidades sem hesitação, ao mesmo tempo que transmitia uma elegância notável: “O cavalo Alter era não só um esplêndido corcel de parada e alta escola, como também um bom cavalo de guerra”<sup>3</sup>.

Também o picador-autor Manoel Carlos d’Andrade não era indiferente às qualidades deste belíssimo animal. Enaltece, no capítulo primeiro do seu tratado e em jeito de mote, todas as qualidades do Cavalo Lusitano, utilizando-as, até, para justificar a sua adequação para a prática equestre da altura. Exalta-se, então, a sua coragem e nobreza, sempre pronto para a batalha, que “cheio de cólera excava a terra com mais fúria, do que hum Leão, e de longe conhece a guerra pela preparação, e vozes dos inimigos (...)”<sup>4</sup>. Ainda hoje, a Coudelaria de Alter procura preservar – tanto quanto possível – o património genético através do emparelhamento da eguada com garanhões com aptidão para a arte equestre. Não obstante a evolução ocorrida no âmbito da produção animal, e o constante contacto com o ser humano, na atualidade os poldros permanecem os três primeiros anos no campo até terem condições para iniciar o seu percurso com os cavaleiros.

---

# O Carrossel dos Cavalos Novos



Após o nascimento dos poldros, Manoel Carlos d'Andrade assegura, no seu tratado, a importância do seu desenvolvimento, não só físico, como psicológico, em fase de desbaste. Só seguindo os seus conselhos podem os picadores (tal como são designados os cavaleiros) apreciar todas as qualidades encontradas nestes cavalos. Desde o primeiro contacto com o picador e a familiarização com o picadeiro e arreios, existe, inclusive, uma tradição na sua distribuição:

“A primeira vez que os Potros entrarem no Picadeiro para os principiarem a deitar á guia, o Mestre tomará huma moeda, que tenha o retrato de ElRei; e dando-a ao primeiro Ajudante seu imediato, este a deitará para o ar; se ella ficar com o retrato voltado para sima, pertence aquelle Potro áquelle Picador para o dispor, e trabalhar; [...]”<sup>5</sup>

Nos tempos de hoje, a Escola Portuguesa de Arte Equestre escolhe, aos quatro anos de idade, cavalos da Coudelaria de Alter para iniciarem o seu ensino. São selecionados pelo Mestre Picador Chefe, a mais alta figura entre os picadores. Segundo Manoel Carlos d'Andrade, essa figura é personificada, no século XVIII, pelo Marquês de Marialva, sinónimo da cultura equestre em Portugal.

O ensino começa pelos movimentos naturais de um cavalo: o passo, o trote e o galope, aprendendo a equilibrar-se sentindo o peso do cavaleiro e, só mais tarde, são introduzidos os exercícios mais complexos. No ensino de um cavalo, cada gesto tem de ser levemente executado, nutrindo paciência, procurando alcançar a perfeição. Esta primeira fase denomina-se Baixa Escola, evoluindo depois cavaleiro e cavalo para os exercícios mais elaborados que se apresentam nos mais belos e espetaculares movimentos da Alta Escola.





---

# A Picaria Real



Depois de subtilmente ensinado o cavalo na arte da Baixa Escola, numa natural evolução surge o “ex-libris” da Escola Portuguesa de Arte Equestre – a Picaria Real – e “Mostra-se o modo, por que se devem ensinar, e dispor os Cavallos entre os Pilões, para os formar nas lições dos ares altos”<sup>6</sup>. Neste conjunto de exercícios encontramos cavalos a executar, com uma destreza particular, movimentos de alta precisão e dificuldade numa síntese de toda a equitação portuguesa. Esta dedicou-se sempre ao mesmo tipo de cavalo, especialmente desenvolvido para a arte da guerra, para caça grossa e para a tauromaquia, estando repleta de exercícios de destreza, de ataque e de defesa.

O que significa, então, a Picaria Real? Trata-se da prática académica de Alta Escola que desenvolve exercícios que procuram conservar, igualmente, as atitudes naturais dos cavalos em liberdade, aproveitando, assim, as suas melhores capacidades. E qual a melhor forma de os apresentar ao mundo se não através de um espetáculo revelando o fausto da corte portuguesa do século XVIII?



Na Escola Portuguesa de Arte Equestre designamos por “Picaria Real” a recriação do ambiente que se vivia no picadeiro da corte portuguesa durante o período que corresponde ao final do Reinado de D. João V, em 1750, até à partida de família real para o Brasil, em 1807.

### **Os Passos de 2, 3 e 4**

Os Passos, tradução literal do francês “Pas”, são a apresentação dos cavalos num verdadeiro bailado em que “dançam” acompanhados em conjuntos de 2, 3 e 4. Com a execução de exercícios de grande exigência, como passagens de mão, aproximadas e a tempo, Piruetas a galope, “Passage” e “Piaffer”, estamos já num nível de equitação avançada.



## As Rédeas Longas

Quando os cavalos adquirem um nível de ensino muito elevado, o bailado que realizam acompanhados nos Passos de 2, 3 e 4, passam a ser executados com o cavaleiro apeado, que segue o cavalo, conduzindo-o por umas rédeas longas. Este é, na sua essência, um momento de raro saber equestre e de confiança entre dois seres.



## Os Ares Altos

Neste número, podemos observar, no picadeiro, pilões e estrados de madeira. Os pilões serviam, de acordo com as gravuras do tratado de Manoel Carlos d'Andrade, para melhorar a flexibilidade e a concentração dos cavalos. Os pilões da Escola Portuguesa de Arte Equestre são adornados com as armas do Rei D. João V nas bandeiras laterais, numa lembrança de uma tradição tão importante que perdura até aos dias de hoje. Já os estrados de madeira ampliam o som das batidas dos cascos dos cavalos, auxiliando o cavaleiro na procura da cadência certa do “Piaffer” e do Terra-a-terra.

Numa evolução natural dos exercícios de concentração das passadas, como o “Piaffer” e o Terra-a-terra, o cavalo prossegue então para os Ares Altos com exercícios mais exigentes, como as Levadas, as Pousadas, as Curvetas, as Balotadas e as Capriolas.



---

# Os Jogos da Corte



“Trata-se de como se costumão as Escaramuças, e outros divertimentos próprios para se adestrarem os Cavallos na Arte da Cavallaria, e no modo de manejar as armas.”<sup>7</sup>

Os Jogos da Corte são recriados pela Escola Portuguesa de Arte Equestre para lembrar os torneios e jogos apresentados à corte, em que os cavaleiros demonstravam as suas competências equestres.

Seguindo as linhas do tratado de Manoel Carlos d’Andrade, os Jogos da Corte que a Escola apresenta – o Estafermo, a Medusa, a Cabeça e as Argolas – são demonstrativos de destreza e de espírito competitivo, condizendo as cores dos cavaleiros com os xairéis e as fitas nas crinas dos cavalos, bem como com os adereços utilizados.

---

# Marquês de Marialva - Solo



Neste quadro alusivo ao 4º Marquês de Marialva, Estribeiro-Mor da Picaria Real e referência máxima da arte equestre portuguesa, apresenta-se o cavalo na fase final do seu ensino. Num momento alto de síntese da arte equestre em Portugal, o cavalo é conduzido sob as rédeas do freio, demonstrando o máximo grau de ensino e da mestria do seu cavaleiro.

---

# O Carrossel



O Carrossel é o “grand finale” das apresentações régias nas cortes europeias e o fausto que este invoca é o momento mais aguardado nas apresentações da Escola. Realizado desde a sua fundação, representa a derradeira ligação com a antiga Picaria Real.

A Escola Portuguesa de Arte Equestre tem como desígnio a preservação e promoção de um notável passado equestre, utilizando o tratado de Manoel Carlos d’Andrade como sua principal fonte de inspiração e comprometendo-se a transmitir às gerações vindouras a sua identidade equestre.

---

## Notas bibliográficas

<sup>1</sup> D'Andrade, Carlos Manoel, "Luz da Liberal e Nobre Arte da Cavallaria", facsimile edition, Lisbon 1997, p. 1

<sup>2</sup> Monteiro, Hemetério, "As Reais Manadas de Alter do Chão (Coudelaria de Alter) ao longo da História", Booksfactory, 2018, p.8

<sup>3</sup> "Idem, ibidem", p. 34

<sup>4</sup> Andrade, Manoel Carlos d', "ibidem", p. 2

<sup>5</sup> "Idem, ibidem", p. 17

<sup>6</sup> "Idem, ibidem", p. 394

<sup>7</sup> "Idem, ibidem", p. 411

---

## Texto

Catarina Magalhães

---

## Fotografias

Rita Fernandes (capa e página 10)

Pedro Yglesias (página 4)

ABRFotografia (páginas 5, 13, 14)

Afonso Bordalo (páginas 7, 8, 9)

Luis Duarte (página 10)

Pedro Dias (página 11)

